



EMMANUEL LÉVINAS: SEPARAÇÃO E DISCURSO

EMMANUEL LEVINAS: SEPARATION AND SPEECH

Lindomar Rocha Mota¹

Renato Diniz Magalhães Filho²

RESUMO

Este artigo analisa a primeira parte de *Totalidade e Infinito* de Emanuel Lévinas e sua tentativa de superar a violência que nasce no pensamento Ocidental. Uma violência que se expressa na tentativa de reduzir o outro a um objeto.

Palavras-chave: Totalidade, infinito; discurso; separação; violência.

ABSTRACT

This article analyzes the first part of Emanuel Lévinas' *Totality and Infinity* and his attempt to overcome the violence that arises in Western thought. A violence that is expressed in the attempt to reduce the other to an object.

Keywords: Totality; infinity; speech; separation; violence.

1. INTRODUÇÃO

O pensamento de Emmanuel Lévinas constitui um desafio para a história da filosofia e, de algum modo, mais particularmente, para o leitor não iniciado no seu pensamento. A primeira dificuldade é constituída pela forma do seu escrito (*Totalidade e infinito*), que se apresenta na máxima densidade, ordenando uma série de conceitos que, na maioria, não são

¹ Doutor em filosofia pela Universidade Gregoriana e pós-doutor em direito e democracia pela Universidade de Coimbra. Professor da FAC e da Puc Minas.

² Mestre em filosofia pelo *Ateneo Pontificio Regina Apostolorum* (UPRA). Professor da FAC.

aprofundados, mas aparecem ali para justificar um pensamento sucessivo ou que se apresentará em contrário.

Entrar no mundo de Lévinas compreende não apenas olhar um “sistema” individual, mas, sobretudo, comporta uma abertura de oposição a qualquer sistema que tenha como fim totalizar o pensamento e, como tal, a própria individualidade, tão cara ao autor. É justamente sobre a possibilidade de totalização que se opõe o pensamento levinasiano, entrar na questão da totalidade e da separação equivale a estar dentro de uma nova forma de raciocinar e de elaborar um método filosófico.

Entendidas as linhas gerais do pensamento não menos simples é adquirir familiaridade com a linguagem, porquanto, também esta procura uma separação da forma greco-clássica, que durante toda a história da filosofia se firmou como conteúdo obrigatório para aqueles que procuram pensar a partir da plataforma lógico-científica.

Cada detalhe em Lévinas assume um significado próprio - a sua descendência hebraica, seu tempo histórico, especialmente porque compreende a duração de uma Guerra mundial. O que, segundo ele, Teria sido gestada a partir do pensamento totalizante do Ocidente. O enfrentamento, portanto, desta situação “prática” se encontra na própria raiz, isto é, no pensamento mesmo que a provocou.

Tudo leva a crer, a este ponto, que Lévinas procura um caminho fora das soluções que a própria filosofia nos deu sobre problema da guerra até agora, soluções que procuraram absolver o *outro* em *si mesmo*, do que respeitar a real condição da alteridade.

Lévinas aparece como um pensador isolado, mas sem perder aquela fundamental conexão dialógica com diversas tradições do pensamento filosófico, seja para apoiar-se sobre elas, seja para elaborar a crítica contra a sua forma de totalização.

A primeira escola levinasiana – podemos colocar evitando muitos detalhes – foi a corrente fenomenológica, mais especificamente aquela de Husserl, porquanto esta em seu sentido mais específico procurou libertar a filosofia do cruzamento estabelecido entre o idealismo e o realismo, voltando um olhar atento à coisa mesma. Mais tarde Lévinas reconhecerá que também essa teoria é uma postura ainda bastante intelectualística.

Dado essa contingência, Husserl, permaneceu fiel preso à tradição que ainda imperava no Ocidente, isto é, aquela corrente que se limitava a uma simples representação

ótica do ser, sem considerar a real proximidade entre o sujeito e a realidade, colocados numa distância abissal.

O passo de ruptura definitiva com o idealismo clássico se dará na aproximação com Heidegger. O pensamento heideggeriano será, na reflexão de Lévinas, uma correção da filosofia de Husserl, mesmo considerando que o próprio Husserl fará uma correção em sua segunda fase, sobretudo depois do 1929, onde ocorre um desenvolvimento e se abandonará a interpretação idealista da fenomenologia.

Lévinas reconhece, também no pensamento kantiano, uma tentativa de reelaboração do pensamento Ocidental através do imperativo ético, que, a seu modo, abandona o primado da ontologia como grandeza na reflexão filosófica. Um movimento positivo que supera o subjetivismo e desenvolve o respeito ao concreto, procurando a fundação de uma moral não violenta. Mas essa ideia também não se concretizou, porquanto é um movimento que leva novamente à transcendência mediante a universalidade da norma.

Lévinas proporá, portanto, uma filosofia do *noumeno*, realizada plenamente em Totalidade e Infinito. A centralidade do *noumeno*, que aparece através do pensamento ético, supera a pretensão exclusiva de objetividade por parte dos esquemas que procuram uma estruturação fundamental no campo dos fenômenos. Por outro lado, a natureza *noumênica* do outro que se manifesta permite uma relação de *não-violência*, já que o Outro permanece sempre um mistério.

Este pensamento, inicialmente, justifica o esforço sucessivo de Lévinas para não permitir que o Outro seja aprisionado em si mesmo. A única possibilidade de romper com este estado de violência é através de um processo de **Separação** atuado na inversão da proposta filosófica que deve prosseguir investigando o *noumeno*, que, como tal, já não é apenas uma hipótese conhecida através do fenômenos, mas tem um rosto. Portanto, esta descoberta permite, uma vez mais, a existência da metafísica que, de um lado, é ontologia e, de outro, é fundamentalmente ética.

2. ESTRUTURA DO DISCURSO

Sendo *Totalidade e Infinito* uma obra primordial do pensamento de Lévinas, ela aparece fundamentada numa estrutura impressionista que pressupõe uma enorme



familiaridade por parte do leitor, além de uma abertura bastante grande ao entrar na forma de raciocinar que propõe o autor.³

Separação e Discurso se apresenta como um tema central na estrutura da obra, precisamente entre o capítulo *Metafísica e transcendência*, no qual se desenvolve um verdadeiro debate sobre este argumento, tão caro à tradição filosófica, e *Verdade e justiça* que complexivamente representa a tarefa da ética de Lévinas, justiça que advém por meio da verdade, rompendo a totalidade e concluindo a primeira seção com o argumento sobre a *Separação e absoluto*.

Diríamos, portanto, que *Separação e Discurso* se apresenta como centro nevrálgico desta primeira seção, e que, da boa resolução desta temática resultará o êxito de toda a obra.

Vejam rapidamente a estrutura interna, segundo a qual Lévinas mesmo quis desenvolver o discurso:

O ateísmo ou a vontade;
a verdade;
o discurso;
retórica e injustiça;
discurso e ética;
a metafísica e o humano;
o face a face, relação irreduzível.

Por prática metodológica trataremos aqui os temas interligados, o que não impede de particularizá-los, sempre que oportuno, a fim de que se possa esclarecer adequadamente a problemática da separação e do discurso.

3. A SEPARAÇÃO

A unidade, que é sonho da maioria dos filósofos, aparece na forma filosófica de Lévinas, como a barreira a ser superada, sob pena de recair no mesmo *éthos* que até então

³ Não raro muitos autores disseram que a forma de filosofia aplicada por Lévinas assume aquele tom dramático, diante do qual não é possível ter meia opinião, ou se aceita quase que incondicionalmente ou se rejeita como um todo.

dominou no Ocidente, com a tutela da linguagem grega. Contudo, não é fácil a tarefa de ir contra uma enorme parte do pensamento humano. Por isso, já de início, como se verifica em todo início de seção, é feita uma precisção sobre qual o verdadeiro sentido da proposta a ser examinada. Lévinas nos remete diretamente ao tema da separação ao dizer que “A ideia do Infinito pressupõe a separação do si mesmo do outro. Mas esta separação não pode ser fundada numa oposição ao Outro, que seria puramente anti-tética”⁴ (LÉVINAS, 1994, p.23). Esta observação nos introduz, já e agora, em um novo conceito de separação⁵, diferente da tradição ocidental que procurou, preferencialmente, a unidade como resposta ao problemas da vida e da história.

A oposição, em sentido estrito, da qual Lévinas evita classificar como mútuo distanciamento, segundo um sistema de antítese, é separação violenta que se conclui com uma nova síntese⁶.

Portanto, a ideia de Separação deve ir além do processo dialético, deve ter uma constituição tal que não permita um novo retorno ao estado de totalização, fundando assim as suas raízes num conceito de transcendência. Procuremos chegar a uma nova noção de Separação, mas como expressa o próprio autor, “a correlação não é uma categoria suficiente para a transcendência”⁷ (LÉVINAS, 1994, p.24). Esta separação, do eu em relação ao outro, deve acontecer por meio de um movimento positivo.

Lévinas apresenta a ideia de separação plano através de um conceito negativo, que foge à categoria da correlação que a tradição indicou como ser separado da natureza. Para só em seguida analisar, por via transversal, o que significa uma separação positiva.

Aristóteles definiu expressamente o que é a categoria da correlatividade como segue:

Costuma-se explicar os opostos, quando relativos, referindo um ao outro e usando o caso genitivo ou alguma outra construção gramatical. Assim, dobro, um termo relativo, é explicado como o dobro de alguma coisa. E o conhecimento, um termo

⁴ *L'idée de l'Infini suppose la séparation du Même par rapport à l'Autre. Mais cette séparation ne peut reposer sur une opposition à l'Autre, qui serait purement anti-thétique. Em cada citação do texto faremos a nota com o texto original referente a esta edição.*

⁵ Os gregos usavam o conceito de *separação* para exprimir o método através do qual se soluciona um composto em seus elementos. Lévinas, entretanto, pensa a concepção histórica na qual o Outro se perde sempre no si mesmo, sem possibilidade de expressão.

⁶ A síntese pode ser entendida em quatro sentidos diversos: a) método cognoscitivo oposto à análise; b) atividade intelectual; c) unidade dialética dos opostos e d) unificação dos resultados das ciências na filosofia. É importante entender que Lévinas se refere especificamente à síntese provocada pela tentativa de separação por via da dialética, restringe, portanto, estes significados à letra d) supracitada. Neste sentido, encontraremos esta concepção, sobretudo, no idealismo alemão de Fichte, Schelling e Hegel. Schelling aceitou como seu o processo que vai da tese, passando através da antítese para chegar finalmente à síntese. Não obstante, sua preferência pela palavra síntese, Hegel assume em seu lugar a *identidade*, que fecha uma tríade dialética, através da conexão objetiva (cf. HEGEL, 2016).

⁷ *La corrélation n'est pas une catégorie qui suffit à la transcendance.*

relativo, se opõe à coisa que é conhecida e é explicado mediante uma referência a ela. A coisa que é conhecida é explicada mediante uma referência ao seu oposto, ao conhecimento: pois a coisa que é conhecida será conhecida por alguma coisa, mais precisamente, pelo conhecimento. Todos os opostos, portanto, são explicados por mútua referência e o uso do caso genitivo ou alguma outra construção gramatical, quando são também correlativos (ARISTÓTELES, 2005, p.68).

A partir do pensamento aristotélico é muito simples concluir o porquê, para Lévinas, o conceito de correlatividade não basta para exprimir a Separação no sentido por ele procurado, já que, aparece muito clara uma mútua dependência entre os contrários relativos. Uma dupla dependência, por exemplo, entre ciência e o cognoscível, que coexistem na medida em que são colocados juntos, não é tão diferente do Estado que se põe por cima dos indivíduos. Assim sendo, retornando ao nódulo da reflexão, o Outro seria apenas uma determinação de si mesmo através deste processo de dependência, como nos ensina a correlatividade aristotélica. Se queremos, portanto, admitir a Separação do Outro de si mesmo, devemos proceder em forma positiva, de modo que o Outro tenha sua subsistência independente em si mesmo. A violência se caracteriza, portanto, de forma contrária à opinião tradicional, onde a sua natureza é afirmada, ao menos em nível de pensamento, como o destaque do termo correspondente ao seu correlativo. Como entender, por exemplo, a existência do cognoscível sem a ciência? No discurso ético, ao contrário, o movimento é diverso, a violência se verifica na supressão do Outro em si mesmo e a constituição de uma realidade totalizante.

A Separação positiva significa, portanto, o reconhecimento do Outro como separado de mim, e não na relação de dependência através da qual é permitida a sua realidade. É outra coisa! É justamente a Separação que atesta a vida, em sentido verdadeiro, do outro, e que depois retorna a si mesmo como mestre, com o qual terá a possibilidade de uma nova relação, não mais nos termos aristotélicos, mas fundada na justiça colocada em ato pela possibilidade do discurso.

Retornando, ainda uma vez ao tema, podemos definir ao menos um princípio regulativo que nos permite interpretar o pensamento de Lévinas no que concerne a uma Separação positiva, do modo seguinte: a correlação aristotélica representa, em última instância, a um ato positivo puramente da lei, porquanto é condição necessária do cognoscível à ciência e da ciência ao cognoscível. Portanto, não podemos analisar partindo apenas da premissa de que a separação levinasiana é positiva enquanto colocada em confronto com uma separação negativa, mas devemos raciocinar dentro do próprio pensamento e da dinâmica de relação entre o *si mesmo* e o *Outro*.

O momento negativo nesta conjugação é representada quando o que *é em si* toma o Outro e o redimensiona em si mesmo. Situação averiguada quando o Estado triunfa sobre o indivíduo, por exemplo, na filosofia política de Hegel.

A Separação positiva não pode ser outra coisa que o retorno de ambos os termos aos seus estados originais, atividade que torna clara quanto olhamos a relação entre o Outro e o si mesmo. Qualquer um tem por si a sua autonomia e forma de vida autônoma que se desenvolvem independentemente uma da outra. Neste sentido, raciocinar sobre os termos da Separação aparece evidentemente positivo, do momento que restitui ao Outro sua Alteridade. O momento negativo aparece na situação contrária, isto é, no momento em que o Outro vive preso a si mesmo.

Sob a perspectiva da separação o Outro chegará a ser uma realidade independente que supera o aprisionamento do existente a qualquer forma superior de existência, ou seja, na subjetividade. O Outro terá a mesma estatura ocupada pelo bem platônico, que está além do ser⁸. Sendo assim, as coisas são redimensionadas ao conceito de separação positiva, como explicamos acima, ou seja, separação como devolução de um direito que pertence ao Outro, *noumeno* que se manifesta, que esteve encarcerado por longo tempo na história da filosofia e transfigurado na ideia de si mesmo.

4. O DISCURSO

Quando falamos de separação, seguindo Lévinas, vem à ideia a experiência concreta de que os homens, além de toda a realidade mundana, sustentam-se através de alguma forma de correlação, formando o renitente pensamento de que esta estrutura de separação entre o *Outro* e o *si mesmo* não recai apenas no jogo da linguagem.

De fato, é sobre esta realidade que Lévinas está pensando quando na abertura do tratado do discurso se exprime assim: “Afimar a verdade como modalidade da relação entre o Si Mesmo e o Outro não significa opor-se ao intelectualismo, mas garantir a aspiração fundamental, o respeito do ser que ilumina o intelecto”(LÉVINAS, 1994, p.35)⁹. É um passo importante na superação da ruptura entre o Outro e o si mesmo, e aqui é bom ter presente a

⁸ No tocante a isso, entra também a ideia desenvolvida por Descartes em sua *Meditações Metafísicas*, que atesta a operação de separação que advém por meio do cogito, que será um tema dominante em Lévinas, a análise da separação operada na interioridade do psiquismo, como afirma o próprio autor: “Le *cogito*, avons-nous dit, atteste la séparation. L’être dépassant infiniment son idée en nous – Dieu dans la terminologie cartésienne – sous-tend d’après la troisième *Méditation*, l’évidence du *cogito*. (LÉVINAS, 1994, p.24-25).

⁹ *Affirmer la vérité comme modalité de la relation entre le Même et l’Autre, ne revient pas à s’opposer à l’intellectualisme, mais à en assurer l’aspiration fondamentale, le respect de l’être illuminant l’intellect.*

distinção entre separação e ruptura. A relação aparece ainda como modalidade existencial que não deixa estupefato o sentido da observação presente a todo espírito.

A modalidade, porém, sobre a qual se joga a possibilidade da relação tem que ser a verdade.

O conhecimento do Outro, em Lévinas, é possível apenas se superada a dimensão de cumprimento do Outro em si mesmo, o conhecimento verdadeiro deve manter a autonomia do conhecido e não absolvê-lo como pensa uma certa filosofia da representação, onde a realidade do Outro em mim reconstroi uma nova totalidade, mas “o conhecimento em sentido absoluto do termo, experiência do outro ser, tem o dever de manter o outro ser *kath'auto*” (LÉVINAS, 1994, p.36)¹⁰.

A relação, em sentido verdadeiro, não vem através de uma absolvição do Outro no idêntico, mas este (o Outro) conhecido conserva todas as suas características e se apresenta apenas no jogo. Por um lado, deixa conhecer-se, mas, por outro, permanece sempre uma distância insuperável, a qual não se pode resolver apelando a qualquer teoria, sem que venha a provocar um intrínseco ato de injustiça¹¹.

No sentido mais verdadeiro, a distância do Outro *noumênico* com quem tenho uma espécie de relação, pode ser cruzada apenas por meio de uma revelação por parte do Outro, que, a partir da sua total autonomia vem ao meu encontro como alguém que *fala*. Aquele que fala não é definido ou encarcerado, o falar mantém a separação sem tornar-se indiferença, “O rosto Fala. A manifestação do rosto já é discurso. Quem se manifesta, segundo diz Platão, ajuda a si mesmo. Em todo instante desfaz a forma que oferece” (LÉVINAS, 1994, p.37)¹².

O discurso é a possibilidade da relação sem totalidade, porquanto falar é uma atividade que pertence apenas ao Outro. No falar, o Outro não cai no universo do revelado, ele se revela mediante um movimento próprio que comunica, mas por sua natureza deixa sempre alguma coisa a descobrir, algo que não pode ser possuído em sua totalidade, fator que produz, por si, a ideia do Infinito que circunda o rosto no mistério.

Então, se o Outro na sua apresentação funda o próprio conceito de infinito, resulta uma radical mudança na estrutura da relação. A relação, que tem como base o discurso, supera a teoria da representação em sentido kantiano, por exemplo, porquanto o

¹⁰ *La connaissance au sens absolu du terme, expérience pure l'autre être, se devrait de maintenir l'autre être kath'auto.*

¹¹ *La manifestation du kath'auto consiste pour l-être à se dire à nous, indépendamment de toute position que nous aurions prise à son égard, à s'exprimer.*

¹² “Lê visage Parle. La manifestation du visage est déjà discours. Celui qui se manifeste porte, selon Platon, secours à lui-même. Il défait à tout instant la forme qu'il offre” (LÉVINAS, 1994, p.37). É esta forma variante do rosto que é respeitada, e além disso nos introduzirá na ideia mesma de infinito como aquela distância que jamais poderá ser superada definitivamente.

estabelecimento da relação sobre esta categoria reduz o outro ao mesmo, através de uma complicada séria de teorias, mas que, no fundo, delineia perfeitamente a ideia de totalidade, identificando o Outro como expressão do mesmíssimo.

O discurso “justo” mantém a alteridade da presença do Outro. No discurso, aquilo que é dito do Outro é independente de qualquer postura que possamos ter em relação a ele¹³, ele expressa-se revelando-se, que é por natureza um movimento ativo, ou qualidade daquele que quis fazer-se ver¹⁴. A linguagem supera, portanto, o isolamento do Outro em si mesmo. Por outro lado, ainda, a linguagem salva a alteridade daquele que se revela, consequência que vem naturalmente corrigida no seu próprio desenvolvimento - “o discurso não é simplesmente uma modificação da intuição (ou do pensamento) mas uma relação originária com o ser externo” (LÉVINAS, 1994, p.38)¹⁵. Na estrutura radical do discurso aquele que se revela ultrapassa a possibilidade da falsidade de quem se apresenta. O discurso não absolve o Outro no mesmíssimo, e, assim, Lévinas pensa ter resolvido um dos grandes problemas que está na base da filosofia do Ocidente, gerador de parte significativa da violência em suas diversas formas, mas que, expressou-se com mais força nos últimos tempos, no rosto das grandes Guerras do século XX.

Depois da separação, a grande tentativa, como vimos na parte do texto que faz referência ao discurso, é de estabelecer novamente uma comunicabilidade, mas sem que esta caia, mais uma vez, na totalidade. A operação da comunicabilidade social, experiência inegável do ser humano, deve vir submetida à condição do Rosto no seu sentido originário, isto é, daquele que vai ao encontro dos outros como Revelação, sem perder a sua *estrutura noumênica*, permanecendo mistério insuperável em constante comunicação¹⁶.

A relação restaurada pelo discurso é essencialmente invocativa e possui uma natureza particular dentro da comunicabilidade entre o *outro* e o *si mesmo* onde “o invocado

¹³ Lévinas nos faz ver muito bem a independência do Outro: “La manifestation *kath’auto* consiste pour l’être à dire à nous, indépendamment de toute position que nous aurions prise à son égard, à *s’exprimersi*” (LÉVINAS, 1994, p.37).

¹⁴ Lévinas distingue muito bem e com muita clareza o sentido da palavra desvelamento que é sempre uma ação de fora do desvelado e Revelação, enquanto ação própria e liberta de quem se revela: “*l’expérience absolue n’est pas dévoilement mais révélation*: coïncidence de l’exprimé et de celui qui exprime, manifestation, par là même privilégiée d’Autrui, manifestation d’un visage par par-delà forme”. E. LEVINAS, *Totalité et infini*, p. 37.

¹⁵ E. LEVINAS, *Totalité et infini*, p. 38. Le discours n’est pas simplement une modification de l’intuition (ou de la pensée), mais une relation originelle avec l’être extérieur.

¹⁶ São diversas as respostas de Lévinas nestas páginas que tentam demonstrar, através de uma série de observações, o modo no qual o Tu é reintegrado no universo relacional. A linha mestre é sempre a estrutura fundamental do discurso, como demonstramos acima. São diversas meditações dentro da estrutura relacional do discurso que devem ser tomadas em consideração, por exemplo, o caráter comunitário: “Le face-à-face, à la fois, annonce une société et permet de maintenir un Moi séparé” (LÉVINAS, 1994, p.39-42).

não é aquele que eu compreendo: *não é sujeito à categorias*. É aquele ao qual eu falo – faz referência apenas a si, não tem quiddidade” (LÉVINAS, 1994, p.41)¹⁷.

Lévinas, abrindo a perspectiva da relação no discurso como estrutura a ser desenvolvida, funda uma concepção nova do agir ético em relação à tradição, que tinha como pressuposto fundamental o conhecimento, concepção platônica e, de qualquer modo, herdada de Aristóteles, mas que encontra sua raiz mais radical na doutrina socrática, para a qual era impossível a qualquer pessoa não agir eticamente senão por ignorância.

Lévinas quer fundar, agora, uma ética da alteridade, rompendo com a totalização. Mas ele mesmo reconhece o perigo de tal raciocínio, porquanto o objeto do conhecimento deixa de existir. Fica como resposta a este perigo da ética como conhecimento a relação desenvolvida pela interperlação, “o interpelado é chamado à palavra, a sua palavra consiste no levar ajuda à sua palavra – no ser *presente*” (LÉVINAS, 1994, p.41)¹⁸. O processo maiêutico de Sócrates, aqui, não pode ser reconhecido como a palavra ética que se funda, muito mais no ensinamento, que o em *si mesmo* recebe do Outro. A maestria é invertida e não encontra a sua habitação em mim mesmo, mas no outro que me comunica. Eu tenho apenas a possibilidade de acolher esta palavra, apenas no dar atenção ao meu interlocutor, que para mim permanece sempre um mestre manifestante da sua infinitude no mistério do seu Rosto.

5. RETÓRICA E INJUSTIÇA

O discurso como verdade, no afrontamento direto do outro, restitui a relação entre o Outro e o si mesmo separados anteriormente, sem que com isso seja novamente instaurada a totalidade. O que fica é apenas uma atividade que se desenvolve dentro do inteiro campo da justa distância e respeito diante do outro que se manifesta e ao mesmo tempo permanece mistério.

O discurso, carece de um forte influxo ético pode manter o estado de justiça que deve restituir a relação no paradoxo que é, ao mesmo tempo, também separação entre o Outro e o si mesmo. O fundamento ético, não permite o cumprimento do outro no si mesmo, pois, ao

¹⁷ *L'invoqué n'est pas ce que je comprends: il, 'est pas sous catégorie. Il est celui à qui je parle – il n'a qu'une référence à soi, il n'a pas de quiddité.*

¹⁸ *L'interpellé est appelé à la parole, as parole consiste à porter secours à as parole – à être présent.*

aceita no rosto aquela infinita manifestação que insere a ideia do infinito, ele evita a injustiça em sua forma tênue, mas muito operante, isto é, a retórica¹⁹.

É, portanto, claro que não é a força direta do discurso que tem em si o caráter de justiça. A demonstração é, de fato, da forma desviada que isto pode conter, na relação com o Outro, “um discurso qualquer não é relação com a exterioridade” (LÉVINAS, 1994, p.42)²⁰, mas pode ser verificado muito mais como retórica que, desconhecendo a maestria do outro, trata-o como criança, um qualquer que não me pode ensinar nada, qualquer coisa, portanto, a ser absolvida pela meu conhecimento.

O discurso, tomado sob esta consideração, não afronta o outro como uma verdade revelada, mas procura ele mesmo fundar a sua própria verdade e escorre sempre por via paralela do objeto verdadeiro, e se mistura segundo a ocasião à solução que se possa apresentar mais oportuna, por exemplo, da definição platônica no *Fedro*.

Vê-se, logo, do momento que Lévinas identifica a Ética com a ontologia o rigoroso estado de fundação que deve estar na base de todo ato de justiça ou de relação. Se falta o empenho ético, já neste nível, o resultado será incondicionadamente a violência que se irradia por via transversal, seja na totalidade como cumprimento dos atos injustos ou nos próprios atos injustos que se verificam no desenvolvimento da história.

A ambiguidade resiside no fato que a retórica permanece uma forma de discurso, com a característica particular de exercer em relação ao Outro uma atividade injusta. Aquele que procede na traços da retórica não quer absolutamente agir em concordância à dignidade que se funda no Rosto do interlocutor, este quer apenas modelá-lo conforme as suas necessidades. Neste sentido, a retórica é ainda um ato de violência superior ao desvelamento, algo que Lévinas contradiz com seu conceito de revelação, porquanto ela é capaz de antecipa ao próprio desvelamento. A estrutura fundamental da retórica é tomada de Platão. A verdade, portanto, se põe em relação direta com a arte da retórica, assume diante desta uma posição antitética colocada em ato, de fato, pelo reconhecimento do Outro como mestre, ao qual eu páro para escutar, colhendo na sua manifestação a marca do infinito que me vem revelado na abertura dada através do seu rosto, que é, sobretudo, um ensinamento para mim, e um imperativo a agir eticamente em relação a ele, ajoelhando-me diante da sua alteridade.

¹⁹ Lévinas mesmo nos diz de qual forma se fala quando se apresenta em ato esta forma desviada do discurso, ou seja, injusta: “Mais la nature spécifique de la rhétorique (de la propagande, de la flatterie, de la diplomatie etc.) consiste à corrompre cette liberté. C’est pour cela qu’elle est violence par excellence, c’est à dire injustice”. (LEVINAS, 1994, p. 42).

²⁰ *N’importe quel discours n’est pas relation avec l’extériorité.*

6. CONCLUSÃO

Totalidade e infinito, no seu esquema principal, deixa ver a tentativa de uma síntese geral que relaciona o agir ético e o fundamento da vida ética. Podemos dizer que o esforço de Lévinas é para demonstrar que não é possível a convivência ética em geral se esta não encontrar o seu fundamento no agir particular de cada indivíduo. A responsabilidade geral é apenas uma propagação da ação individual.

A síntese de Totalidade e Infinito aparece diante de uma séria de conceitos que a tradição fundou, tradição que considera normal a passagem da filosofia à política e da política à filosofia sem fundar uma crítica interna nesta mudança de posição. Aparecem como sustentadores desta determinação, o ser heideggeriano, e o sistema de razão de Kant e Hegel, para enumerar os mais evidentes. O resultado destas concepções é, por um lado, a supremacia do Estado sobre o indivíduo, se seguimos raciocionando com Hegel, ou em sentido ainda mais lato, todos subordinados a possibilidade da realização moral à história e à totalidade.

Romper com esta Totalidade representa um esforço constante na obra, cada um é responsável por tudo e é responsável primariamente pelo outro, que reapareceu na função de mestre, o qual se relaciona comigo no face à face. Esta relação é o ponto central do pensamento e podemos sintetizá-lo com o seguinte raciocínio: a relação do face à face ou do rosto do outro como porta de entrada se apresenta a mim como um conteúdo que, ao mesmo tempo, ultrapassa todo conteúdo. Lévinas entende o rosto como conteúdo que não pode ser contido em vista de sua especial natureza. O mostrar-se do rosto é, ao mesmo tempo, esconder-se que não pode, jamais, satisfazer plenamente, é um não neutralizável conceitualmente, superando nesta disposição o conceito de infinito cartesiano. O superar a distância do infinito, conteúdo do rosto, é a violência que foi gerada em grande medida na tradição filosófica.

Este pensamento encontrou terreno fértil numa Europa necessitada de consciência e que justificasse o sofrimento do homem diante do trágico desenvolvimento da Guerra, além disso, Lévinas tornou-se um dos pensadores mais populares fora da Europa, e aqui nos referimos especificamente à América Latina, onde a situação da totalidade tinha envolvido, não apenas o outro indivíduo, mas o desenvolvimento da reflexão absolveu toda uma cultura por meio de uma atuação imperialista no campo da economia e da técnica.

Mas na América Latina a história é outra, por isso foi observado que o Outro não pode ser absolutamente Outro, um *eidos* comum, uma configuração própria necessitada de reconhecimento como se expressa H. Dussel:

Lévinas fala sempre do outro como *absolutamente* outro. Tende então à equívocidade. Por outro lado, jamais pensou que o outro pode ser um indiano, um africano, um asiático. O outro para nós é a América Latina em relação à totalidade europeia (DUSSEL, 1974, p.179).

O *totalmente Outro* do pensamento levinasiano encontraria muitíssimas dificuldades para referir o *outro* ao *si* mesmo em contexto estruturalista, como aquele verificável na realidade de Enrique Dussel. A distância aberta dificilmente seria superada no agir ético e na infinita natureza do rosto, mas preenchida por uma completa estranheza, seria preenchida de sistema e não mais de relação.

O método de Dussel, totalmente necessário, se caracteriza por ser de natureza *analética*, antes que encontrar no outro uma completa diferença, o eleva acima do sistema, coloca-o fora, e neste ato encontra que o outro não é totalmente outro, mas é o outro como eu, necessitado de liberdade e de libertação.

Todo este *Outro* que é diminuído no trabalho de Lévinas, eleva-se acima de sua própria realidade, sendo capaz de gerar um princípio de reflexão que possa ser adaptado ou inspirador em situações adversas e de completa estranheza cultural e social

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. As categorias. in **Órganon**. Bauru: Edipro, 2005.
- DESCARTES, R. **Meditazioni metafisiche**, Milano: Rusconi, 1998.
- DUSSEL, E. **Método para una filosofía de la liberación**. Salamanca: 1974.
- HEGEL, G. **Scienza della logica**Ciência da Lógica, vl 1. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LÉVINAS, E. **Totalità e infinito**. Milano: Jaca Book, 1996.
- LÉVINAS, E. **Totalidad e infinito**. Salamanca, 1987.
- LÉVINAS, E. **Totalité et Infini**, Paris: Martinus Nijhoff Publishers, Paris, 1994.
- MALKA, S. **Leggere Levinas.**, tr. F. Emilio, Brescia: Queriniana, 1986.
- PLATONE. **Oopere complete**. Milano: Rusconi, 1997.